

Identidade Humana:

Unidade e Diversidade Enquanto Desafios para uma Educação Planetária

Celso José Martinazzo¹

Resumo

Este estudo bibliográfico busca compreender como a identidade humana se constitui no jogo dialógico entre a unidade e a diversidade. A identidade é um traço fundamental que distingue um indivíduo de outro, um grupo de outros grupos ou ainda uma civilização de outra. O homem constitui e modela sua identidade a partir do momento em que toma contato com o mundo e, de forma especial, com a cultura humana. As características próprias de cada um, o modo de pensar, ser e agir desenvolvem-se na prática das ações cotidianas em meio à realidade cultural em que se insere. A identidade humana, segundo os princípios da teoria da complexidade, pode ser compreendida na dialógica da unidade e da diversidade como sendo duas dimensões inerentes, antagônicas e complementares da espécie humana. A identidade da humanidade, sendo uma e múltipla, deve contemplar as diferenças que caracterizam os povos que habitam o mesmo planeta. A construção de uma identidade planetária pressupõe, por sua vez, uma educação escolar que reconheça e respeite a diversidade e a pluralidade cultural. A organização do sistema escolar como um todo pode comportar uma perspectiva que englobe e contemple a questão da identidade humana. Para tanto, é necessário repensar o papel da escola como fonte e base de afirmação de identidades num mundo planetário e plural. Cabe à educação escolar despertar uma consciência antropológica e desenvolver a formação da identidade do ser humano que reconheça a unidade na diversidade, num mundo considerado Terra-Pátria de todos.

Palavras-chave: Identidade humana. Unidade-diversidade. Educação planetária.

¹ Graduado em Filosofia e Pedagogia; Mestrado em Educação pela UFSM e Doutorado pela UFRGS. É professor titular e atua em programas de ensino, pesquisa e extensão no Departamento de Pedagogia e no Programa de Mestrado em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Tem experiência na área de educação, com ênfase no âmbito dos Fundamentos da Educação: Dimensões da Pedagogia, Teorias da Educação, Teoria da Complexidade. marti.sra@terra.com.br; martinazzo@unijuí.edu.br

HUMAN IDENTITY: unit and diversity as challenges to a planetary education

Abstract

This bibliographic study tries to understand how the human identity is in the dialogical game between the unit and the diversity. The identity is a fundamental feature which distinguishes one individual from another one, one group from other groups or one civilization from another one. The man forms and shapes his identity from the moment he has contact with the world and, mainly, with the human culture. The characteristics of each one, the way of thinking, being and acting are developed with the practice of daily actions in the cultural reality in which the man belongs. The human identity, according to the complexity theory principles, can be included in the dialogical of unit and diversity as being two inherent, antagonistic and additional dimensions of the human specie. The humanity identity, being single and multiple, must complement the differences which characterize the peoples that live in the same planet. The construction of a planetary identity assumes, on the other hand, a school education which recognizes and respects the diversity and plurality of cultures. The organization of the school system can have a perspective that includes and contemplates the human identity issue. To do so, it is necessary to rethink the school function as source and base of identity proposition in a planetary and plural world. It is the school education job to awake an anthropological awareness and develop the identity construction of the human being which is able to recognize the unit in the diversity, in a world that is considered Earth-Homeland of everybody.

Keywords: Human Identity. Unit-diversity. Planetary Education.

Neste texto apresentamos alguns conceitos sobre a identidade humana e analisamos o papel determinante de cada cultura na cunhagem das características identitárias de cada ser humano e de toda a humanidade.

Com base nas ideias de alguns pensadores, sobretudo Edgar Morin, caracterizamos o percurso de algumas das principais identidades que a humanidade assumiu ou pode assumir ao longo da História, dando ênfase à necessidade de a humanidade constituir uma identidade planetária.

Ao final, destacamos a importância e a difícil tarefa da educação escolar, hoje, em tempos de multiculturalismo, na formação e no desenvolvimento da identidade individual e de toda humanidade.

A identidade/diversidade humana: dialógica da unidade x diversidade

A identidade humana é um traço característico de cada ser que permite distinguir um indivíduo de outro, um grupo de outros grupos ou ainda uma civilização de outra. Refere-se, de modo específico, às características próprias de cada um, da espécie humana e da sociedade. Ela demarca as semelhanças e diferenças entre os seres humanos, destacando suas características físicas, seu modo de pensar, ser e agir, bem como permite ao sujeito construir e desenvolver os traços da sua própria história.

A identidade é algo que marca a cada um de nós, individualmente, e ao mesmo tempo nos diferencia enquanto espécie humana de outras espécies. É um produto de nossa evolução cosmobioantropológica e cultural e se constrói gradativamente por meio das interações sociais.

Morin, em algumas de suas principais obras (1975, 2002, 2006), sugere que busquemos a compreensão do mundo, do humano e da humanidade tendo como base os códigos de um conhecimento complexo, pois estes têm a preten-

são de conceber, inseparavelmente, a dialógica² da unidade e da diversidade humanas. Por isso, ao escrever sobre a identidade humana o autor recorre às mais diferentes fontes e áreas do conhecimento humano: a Filosofia, Literatura, Religião, História, Antropologia, Sociologia, Psicologia, enfim, aos grandes tratados que abordam a gênese e a evolução do homem. Morin, no entanto, para a compreensão da origem das culturas no planeta como múltiplas e dispersas, vai se socorrer especialmente das ciências biológicas, nas quais encontra as raízes da nossa Antropologia.

O homem dá início à constituição de sua identidade a partir do momento em que entra em contato com o mundo, transforma a natureza e produz diferentes culturas.³ As suas características próprias, o modo de pensar, ser e agir desenvolvem-se no decorrer das suas ações cotidianas em meio à realidade cultural em que se insere. Segundo Morin (2002, p. 64), “A cultura constitui a herança social do ser humano: as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico. Por isso, as culturas podem mostrar-se incompreensíveis ao olhar das outras culturas, incompreensíveis umas para as outras”.

A cultura de cada civilização é determinante no processo de construção dos traços fundamentais que marcam a humanidade. É no interior de um contexto sociocultural que constituímos nossa identidade cultural. Nas palavras de Hall (2006, p. 8), a identidade cultural é constituída por “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. É graças a esse processo que a civilização humana atual se compõe de múltiplas identidades culturais.

² A dialogia é um princípio cognitivo fundamental da teoria da complexidade que permite uma maior aproximação do real como algo composto por posições antagônicas, concorrentes e, ao mesmo tempo, complementares. O pensar dialógico religa posições opostas e ambivalentes em vez de ignorá-las ou negá-las.

³ A cultura e as manifestações culturais representam uma síntese de toda a atividade histórica de um povo, de uma civilização, enfim, da história das experiências criativas do ser humano e da construção da humanidade. Cultura é o modo peculiar de viver e de se manifestar de um povo. A família e, sobretudo, a educação escolar, exercem um papel central no processo de aprendizagem, de endoculturação e, portanto, são os principais agentes moldadores da cultura.

Os traços mais marcantes da identidade de cada um, portanto, são forjados no seio de cada cultura e de cada civilização, compondo, dessa forma, identidades múltiplas e diferenciadas. Nossa identidade não é produto genuinamente inato. Na relação com os outros seres humanos e com as outras culturas nós nos tornamos, concomitantemente, semelhantes e distintos. Nos traços de cada homem genérico estão, também, os traços de sua especificidade.

O homem não nasce pronto, aprende no e com o mundo, influenciado que é pela cultura, religião, crenças e outras formas culturais. Nós não nascemos humanos, nós nos tornamos humanos na convivência com os outros; a nossa identidade humana, portanto, é uma conquista a ser perseguida. Aprendemos a superar os obstáculos, a processar os conceitos e a construir as pontes que nos possibilitam compreender o mundo e a nós mesmos. Contemplar a identidade humana de cada um significa, portanto, resgatar aquilo que o faz semelhante e, ao mesmo tempo, diferente dos demais.

As relações do homem com o mundo intensificam-se ao longo do processo de estruturação de sua vida, ou seja, quando nasce, ainda criança, o homem é visto como um ser dependente e indefeso. Em contato com o mundo por intermédio do convívio familiar realiza as primeiras descobertas, aprende linguagens e constrói significados que produzem a evolução da espécie e, por conseguinte, as transformações da natureza e do mundo.

Morin (2002) observa que a nossa identidade humana é constituída numa relação dialógica da tríade indivíduo/espécie/sociedade. Por natureza e por definição, escreve o autor, o ser humano é algo muito complexo e para compreendê-lo na sua profundidade é necessário não apenas inseri-lo numa cultura, numa história, mas, fundamentalmente, incorporá-lo numa trindade humana. Qual seria essa trindade?

O ser humano define-se, antes de tudo, como trindade indivíduo/sociedade/espécie: o indivíduo é um termo dessa trindade.

Cada um desses termos contém os outros. Não só os indivíduos estão na espécie, mas também a espécie está nos indivíduos; não só os indivíduos estão na sociedade, mas a sociedade também está nos indivíduos, inculcando-lhes, desde o nascimento deles, a sua cultura (Morin, 2002, p. 51-52).

Morin (2002, p. 94) adverte que “o indivíduo não é noção primeira nem última, mas uma noção central da trindade humana”. Mesmo contendo a multiplicidade o indivíduo permanece como um sujeito único e, desta forma, continua o autor (p. 95), “os outros moram em nós; nós moramos nos outros...”. O sujeito não existe e não se constrói descolado do mundo. Nele está presente o outro que o desafia, que o convida a existir, que o ensina e aprende e se faz existir no contato com esse outro, ou seja, formamos e somos formados por fragmentos que encontramos nos outros e no mundo, por aquilo que permitimos ao outro conhecer em nós e vice-versa.

Não basta, portanto, pretender responder às perguntas: Quem sou eu? Ou, quem somos nós? É necessário ampliar o grau de preocupação para outras questões de maior dimensão, por exemplo: Como conviver com indivíduos que formam uma espécie comum? Qual modelo de civilização nós constituímos e queremos construir para viver em sociedade?

A sociedade em que nos inserimos possui inúmeros valores, os quais são modificados e repensados no decorrer de nossas vivências culturais. Em contato com a diversidade cultural o homem assimila os sentidos, valores e saberes fazendo uso de sua racionalidade, inserindo-se, dessa forma, num processo de aquisição e definição de suas características pessoais e formação dos aspectos que compõem sua identidade por meio das inter-relações.

O homem é racional (*sapiens*), louco (*demens*), produtor, técnico, construtor, ansioso, extático, instável, erótico, destruidor, consciente, inconsciente, mágico, religioso, neurótico; goza, canta, dança, imagina, fantasia. Todos esses traços cruzam-se, dispersam-se, recompõem-se, conforme os indivíduos, as sociedades, os momentos, aumentando a inacreditável diversidade humana... Mas todos esses traços aparecem a partir de potencialidades do homem genérico, ser complexo no sentido em que reúne traços contraditórios (Morin, 2002, p. 63-64).

Logo, o ser humano é uma espécie biossocial que se organiza em estruturas sociais, que pertence ao universo e evolui junto com ele: cooperação e competição – família, comunidade, instituições – dão origem a uma cultura de grupo e em meio a essa cultura, a fim de compreender e manipular o mundo, produz e desenvolve conhecimentos, pesquisas científicas e novas tecnologias como projeto comum da humanidade. Esse processo evolutivo se dá por continuidades e descontinuidades de formas culturais. É nesse sentido que “[...] os antropólogos falam de um traço fundamental da condição humana que é a variabilidade e, por conseguinte, uma variabilidade múltipla de adaptação. Assim, a cultura é o modo de viver de um povo” (Sidekun, 2006, p. 105). Este autor concebe a cultura “como um processo de humanização do mundo e da própria história humana, bem como a instauração da consciência histórica” (p. 101). Por essa razão, segundo ele, a cultura representa uma síntese de toda atividade histórica do ser humano.

Em Morin nossa identidade biológica e social liga-se à nossa identidade humana e planetária, revelando-se a cultura o capital humano fundamental. Biologicamente o ser humano nasce e se desenvolve como um ser ainda não feito, cabendo à cultura a tarefa de moldar o homem enquanto indivíduo e enquanto membro de uma espécie e de uma sociedade. A herança social do ser humano é transmitida pela cultura. Nesse sentido, as culturas alimentam e moldam as identidades individuais e sociais naquilo que elas têm de mais profundo, contraditório e específico. Morin (2002, p. 36) assim se expressa: “A cultura é o que permite aprender e conhecer, mas também é o que impede de aprender e de conhecer fora dos seus imperativos e das suas normas, havendo, então, antagonismo entre o espírito autônomo e sua cultura”.

As abordagens e considerações desencadeadas em relação ao estudo do homem revelam que a cultura abrange o conjunto das manifestações humanas. Morin (2002, p. 35) escreve que a cultura é

[...] constituída pelo conjunto de hábitos, costumes, práticas, *savoir-faire*, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera

e regenera a complexidade social. A cultura acumula o que é conservado, transmitido, aprendido e comporta vários princípios de aquisição e programas de ação.

Desta forma, ainda conforme este autor (2002, p. 165), “a cultura é a emergência maior da sociedade humana”. O processo de complexificação da evolução individual e social encontra na cultura sua fonte geradora/regeneradora.

O patrimônio hereditário dos indivíduos está inscrito no código genético; o patrimônio cultural herdado está inscrito, primeiro, na memória dos indivíduos (cultura oral), depois, escrito nas leis, no direito, nos textos sagrados, na literatura, nas artes. Adquirida a cada geração, a cultura é continuamente regenerada (Morin, 2002, p. 165).

Somos únicos em meio à dualidade e à multiplicidade. Comportamos o diferente. Nossa identidade agrega múltiplas dimensões e características. Assim, nossa personalidade revela uma identidade polimorfa, ou seja, cada indivíduo é singular e, contudo, duplo, plural e diverso. A identidade abrange o ego demonstrando que nela o indivíduo é uno/múltiplo. Reflete, por exemplo, as questões de dualidade entre masculino e feminino e outras dialogias, estando presente em todas as demais e possíveis identidades que envolvem os indivíduos. Permite-nos entender os modos de pensar e agir do homem e da mulher como indivíduos distintos, porém da mesma espécie, relacionando-os. Enfatiza a diferença entre homens e mulheres no âmbito da sociedade, porém demonstrando o que é feminino no masculino e masculino no feminino, genética, anatômica, fisiológica e culturalmente.

No processo de humanização o homem biológico torna-se sujeito racional, atuante e participativo, ou seja, estabelece relações com o mundo e com os outros, produzindo cultura em meio à diversidade. Ao buscar explicação sobre nossa identidade humana e cultural Morin procura responder a uma pergunta por ele mesmo formulada: Quem somos nós? E responde esclarecendo que (2004, p. 89): “Temos uma natureza biológica, uma natureza social, uma natureza individual”. E prossegue: “A verdadeira complexidade humana só

pode ser pensada na simultaneidade da unidade e da multiplicidade” (p. 90). Enfim, somos semelhantes e, ao mesmo tempo, diferentes uns dos outros, por um processo evolutivo biossocial, embora, nós humanos, habitemos o mesmo planeta Terra.

O percurso das grandes identidades humanas

Pela via da complexidade compreendemos que a nossa individualidade é resultado de uma síntese cultural que engloba múltiplas identidades.

As identidades humanas se forjam num mundo marcado pelas diferentes culturas, em distintos tempos e lugares. As sociedades arcaicas, organizadas em bioclasses, produzem as primeiras e grandes diferenciações biológicas de sexo e de idade. A bioclasse masculina e feminina vai sendo constituída pelas diferentes práticas familiares e funções profissionais. De tal forma que, segundo Morin (2002, p. 164), é desde alguns dos seus traços fundamentais comuns que as sociedades arcaicas começam a se diversificar pelo emprego de diferentes línguas, crenças, mitos e formas de organização familiar e social. A partir de uma origem comum e local “as sociedades arcaicas multiplicaram-se, todas parecidas, todas diferentes, e espalharam-se pelo planeta” (p. 164).

Morin descreve e analisa as nossas marcas identitárias mais perceptíveis ao longo da história da civilização humana. Investiga e descreve a formação e desenvolvimento de algumas de nossas principais identidades.

Em primeiro lugar, esclarece o autor, nossa identidade individual está acoplada a uma *identidade social*. A cultura enquanto “patrimônio organizador” e “emergência maior da sociedade humana” (Morin, 2002, p. 165) produz uma identidade social desde as sociedades arcaicas até as mais recentes.

Indivíduo e sociedade, desta forma, mantêm uma relação hologramática, recursiva e dialógica entre si. A relação hologramática revela que nós fazemos parte da sociedade que faz parte de nós, ou seja, “o indivíduo está na sociedade

que está no indivíduo” (2002, p. 167). Existe, igualmente, uma relação recursiva, no sentido de que os indivíduos produzem a sociedade, que por sua vez produz os indivíduos. Assim, produzimos a sociedade que nos produz; e, por fim, a relação dialógica confere ao indivíduo a situação de uma relação complementar e, ao mesmo tempo antagônica, entre ele e a sociedade. Indivíduo e sociedade formam polos dicotômicos, porém complementares. A ideia de um ser dialógico é inerente ao homem: uno/múltiplo, singular/plural, imanente/transcendente, sujeito/objeto, *sapiens/demens*.

Temos, portanto, uma identidade social, tendo em vista que todo ser individual só pode realizar-se num meio cultural, inserido em uma cultura que é expressa numa dada sociedade. Por essa razão o caldo de cultura da complexidade individual, segundo Morin, forma a complexidade do ser social.

Morin elabora um caminho-síntese da nossa *identidade histórica* que, segundo ele, foi sendo construída pela civilização humana ao longo dos tempos. Nossa identidade histórica possibilita compreender o percurso das grandes realizações do homem desde as sociedades mais arcaicas até o momento presente. Esse percurso é marcado pelos feitos decisivos que revelam não só o progresso humano, mas, igualmente, os recuos que o homem impôs à humanidade.

Para os autores de *Terra-Pátria*, o século 14 de nossa era marca o começo de nossa *identidade planetária*. O fenômeno da planetariedade revela que “não apenas cada parte do mundo faz cada vez mais parte do mundo, mas o mundo enquanto todo está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isso se verifica não só para as nações e os povos, mas também para os indivíduos” (Morin; Kern, 2000, p. 35). Doravante constataremos a mundialização das ideias, das guerras, dos negócios, das comunicações, das culturas, de forma cada vez mais evidente. As identidades forjadas ao longo desta saga humana permitem compreender que vivemos o presente como síntese de nosso passado histórico ao mesmo tempo em que já estamos formatando a nossa *identidade futura*.

Junto a outras questões cruciais deste século que consolida e amplia formas planetárias e globalizadas de comunicação, a reflexão sobre a identidade pessoal e dos diferentes povos emerge como um desafio fundamental para a civilização humana: Como, num contexto de sociedade cada vez mais globalizada podemos, ao mesmo tempo, respeitar as diferenças culturais e reconhecer o direito à diferença de modo a permitir o resgate e a construção da dignidade da humanidade? Um universalismo plural produz necessariamente um relativismo cultural? É possível constituir uma identidade planetária sem anular as diferenças?

Como compreender o multiculturalismo num mundo em processo de globalização?

Essa questão da globalização e seus reflexos na unidade/diversidade cultural, embora seja uma preocupação fundamental em outros contextos e debates, não constitui o foco principal desta reflexão. O que nos preocupa, no presente texto, é buscar uma compreensão da natureza e de ser humano que possa servir de fundamento à constituição do homem como um ser único e diverso e que, ao mesmo tempo, convive numa sociedade formada por uma grande pluralidade cultural. Obviamente que a tendência e, mesmo, a opção de grande parte dos formadores de opinião que atuam nos veículos de comunicação é apresentar e defender uma visão monoculturalista de civilização em detrimento de um pluralismo cultural ou multiculturalismo. Em decorrência disso acentuam-se as contradições entre o processo de afirmação da identidade pessoal e/ou grupal e os processos de globalização à medida que avançam os mecanismos de globalização. Neste início de século marcado por um processo avançado de globalização constata-se, no entanto, que todas as nações modernas ainda se mantêm culturalmente híbridas e procuram resguardar essa particularidade.

O multiculturalismo ou pluralismo cultural reconhece, identifica e valoriza o mosaico cultural que se compõe de muitas e diferentes culturas, seja numa localidade pequena, numa cidade ou até mesmo em um país, sem que haja, necessariamente, o predomínio de uma dessas culturas sobre as demais.

Uma visão multiculturalista leva a reconhecer e a valorizar as diferentes línguas, tradições, credos religiosos e tantas outras formas de manifestação cultural de cada povo num conjunto maior, transformando-se assim num pré-requisito para a integração e aproximação entre seres humanos que habitam os diferentes países do mundo.

Morin não está preocupado, apenas, com as identidades individuais e culturais de cada nação e de como essas identidades estão sendo afetadas pelo processo de globalização. Seu foco de atenção volta-se para o respeito à coexistência de diferentes culturas grupais ou nacionais no mundo enquanto terra de todos. Como, apesar dessa diversidade toda, os homens podem conviver num mesmo planeta? Ele formula o conceito de Terra-Pátria⁴ para indicar o planeta Terra como pátria comum de todos os homens. Isso não significa que com as fronteiras dissolvidas haverá uma identidade cultural única em escala mundial ou uma homogeneização cultural, mas que a dialética indivíduo-nação-mundo deve resultar em sínteses provisórias de convivência planetária.

Enquanto alguns pensadores se envolvem na discussão sobre os processos de globalização e os mecanismos de integração/desintegração cultural que eles produzem, trazendo para o centro do debate questões como o local e global, o hibridismo cultural nas nações modernas, as culturas nacionais e a construção de uma identidade nacional unificada, o espaço e o lugar em tempos de comu-

⁴ *Terra-Pátria* (2000) é o título do livro escrito por esse pensador pluralista Edgar Morin, com a colaboração de Anne Brigitte Kern, no qual os autores relacionam alguns dos graves problemas interligados nesta era planetária e defendem a organização conjugada de esforços para a eliminação das fronteiras rígidas que separam a humanidade de si mesma. Em *Meus demônios*, outra de suas obras importantes, escreve: “Se proponho hoje a idéia da Terra-Pátria, não é absolutamente para negar as solidariedades nacionais ou étnicas, nem para desenraizar o indivíduo de sua cultura. É para somar a isso um enraizamento mais profundo a uma comunidade de origem terrestre e a uma consciência que se tornou vital de nossa comunidade de destino planetário” (2000b, p. 100). O conceito de Terra-Pátria instaura a promessa utópica de uma unidade complexa na diversidade: formar uma comunidade mundial intercultural, partilhando uma mesma e única dimensão cósmica.

nicação avançada e outras tantas questões afins, Morin defende a construção de uma identidade que ele denomina de planetária, em que os homens, ainda que mantenham suas diferenças, consigam conviver num planeta que é pátria comum. A unidade deve frutificar numa concidadania terrestre e transcender os interesses e prioridades de cada nação. Ele (2004, p. 101) entende que: “A pátria terrestre não deve negar ou recalcar as pátrias que a compõem mas, ao contrário disso, integrá-las”.

Mattelart corrobora essa preocupação ao destacar no Prefácio à edição brasileira da obra *Diversidade cultural e mundialização*, a centralidade e importância desta questão: “Doravante, a questão da diversidade atravessa todos os debates que se originam do projeto sobre a nova ordem mundial nas grandes instituições internacionais, sejam eles, por causa e a partir de múltiplos vieses, explícitos ou implícitos” (Mattelart, 2005, p. 11).

A diversidade cultural diz respeito à variedade e convivência de ideias, características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto, situação ou ambiente. A ideia de diversidade está ligada aos conceitos de pluralidade, multiplicidade, diferentes ângulos de visão ou de abordagem, heterogeneidade e variedade. E, muitas vezes, também, pode ser encontrada na comunhão de contrários, na intersecção de diferenças, ou, ainda, na tolerância mútua. O ser humano, no entanto, mesmo vivendo em um meio diverso, apresenta-se único, dono de uma postura própria, auto-organizada e autônoma. A unidade e diversidade referem-se a relações entre os humanos/povos respeitando e compreendendo as diferenças.

Uma educação planetária: o desafio para o século 21

A educação escolar é uma ação complexa, intencional e deliberada, que se estende ao longo de uma etapa importante da vida de todos e que possui como tarefa primordial garantir aprendizagens significativas para a sobrevivência de cada ser humano, da espécie e da humanidade como um todo.

A instituição escolar se constitui num ambiente fecundo no qual alunos e professores podem desenvolver uma cultura própria como resultado das interações pedagógicas que nela se estabelecem. Por isso, a escola precisa ser um espaço de pluralidades oferecendo àqueles que a frequentam oportunidades de desenvolver e aprofundar seu processo de humanização.

A educação, desta forma, é e será sempre uma atividade paradoxal quando se trata de construir identidades nas crianças e nos jovens em situações concretas que revelam traços multiculturais. Talvez o exemplo mais acabado de aculturação homogeneizante tenha sido promovido pelos jesuítas no início da colonização do Brasil. O historiador Neves analisa e interpreta a ação catequética dos jesuítas como sendo “um esforço racionalmente feito para conquistar homens; é um esforço feito para acentuar a semelhança e apagar as diferenças” (1978, p. 45). E isso tudo expresso pela insistência na afirmação dos valores culturais da Europa como o único mapa cultural existente e reconhecido.⁵

A legislação e a política educacional brasileiras, até recentemente, não contemplavam de forma explícita a questão da diversidade cultural. A História, do ponto de vista dos colonizadores, nunca reconheceu as culturas locais. O movimento da Escola Nova, apoiado nos avanços da Biologia, da Psicologia Científica e da Sociologia, preocupou-se em identificar e promover os alunos mais capazes, independentemente de suas origens étnicas e sociais. A história social do Brasil, com reflexos também na educação, sempre foi marcada por um pensamento preconceituoso contra o negro, o mestiço, o índio e outros representantes de raças diferentes da branca, caracterizando-os como sujeitos menores, de inteligência inferior e de personalidade selvagem.

O que historicamente ocorreu e muito frequentemente ocorre ainda hoje é que a escola não oferece oportunidade para que os alunos estudem e conheçam sua própria história, sua origem étnica, produzindo, desta forma, verdadeiros

⁵ Este modelo de educação sofre a influência do racionalismo e do iluminismo, que tendem a ver o mesmo ser humano, portador das mesmas qualidades e imperfeições fundamentais, em civilizações diferentes.

órfãos de identidade. A abordagem e o estudo da História de nosso país e da nossa civilização, bem como a vivência e comemoração de datas significativas do calendário no processo de ensino/aprendizagem podem contribuir decisivamente para a formação e a afirmação positiva das identidades dos alunos e, por extensão, de um grupo social. O currículo escolar, sob sua aparência de universalidade, acaba impondo como legítima uma cultura dominante e que, no mais das vezes, não contempla a diversidade das identidades.⁶

No âmbito do Brasil, a Pedagogia dos anos 80 para cá vem chamando a atenção para que se desenvolva um currículo escolar que contemple a diversidade cultural dos alunos, respeitando a vivência e a experiência que estes trazem de sua vida familiar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96) (Brasil, 1996), no seu artigo 1º, estabelece um conceito amplo de educação e ressalta que as manifestações culturais integram o processo formativo: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade e nas manifestações culturais”.

A sociedade brasileira sempre se apresentou multicultural. O Brasil é um país que tem na sua origem muitos habitantes autóctones e que sofreu uma intensa miscigenação a partir da vinda de grandes levas de imigrantes. Cada tribo indígena e cada nação tem seus traços característicos, seus costumes, suas raízes, e faz o possível para defendê-los e perpetuá-los. Com a evolução da humanidade muitos conceitos se modificaram e com eles as culturas também enfrentaram e enfrentam mudanças. Muitos dos traços fundamentais, no entanto, perduram por longo tempo no interior de cada raça, etnia ou povo. O importante é “[...] ao mesmo tempo preservar e abrir as culturas” (Morin; Kern, 2000, p. 124).

⁶ Em seu livro *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo* (2007), Tomaz T. da Silva argumenta que currículo é uma questão de saber, poder e identidade. O currículo revela sempre o resultado de uma seleção de conhecimentos e de saberes considerados importantes e válidos. A seleção, ao privilegiar um tipo ou tipos de conhecimento, se transforma numa operação de poder que vai moldar um determinado tipo de identidade ou subjetividade.

Segundo Glória Moura, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade de Brasília:

Há necessidade imperativa de se tornar a escola mais próxima da realidade sociocultural de seus alunos, levando em conta os valores culturais locais, numa perspectiva universal, se se quiser formar cidadãos capazes de construir a sua própria história, num Brasil plural e verdadeiramente democrático (2008, p. 77).

Educação e cultura formam redes de sistemas complexos, entretecidas de diferentes áreas de conhecimento e, portanto, requerem um olhar multidimensional, amplo e abrangente para a sua compreensão e para a solução dos problemas que apresentam. A compreensão é o começo, o meio e o recomeço de toda a comunicação humana. Faz-se necessário em todos os níveis educativos e em todas as idades aperfeiçoar as formas de conceber o mundo e a humanidade, educando para a compreensão e para a solidariedade. Conhecer as origens, raízes e consequências da incompreensão é algo vital para que os homens estabeleçam relações humanas mais abrangentes.

A realidade atual está exigindo uma profunda revisão das práticas pedagógicas no intuito de oferecer e fortalecer alternativas teóricas para uma reestruturação curricular que contemple a riqueza da unidade e da diversidade cultural. Se nós, humanos, constituímos uma espécie que convive em sociedade multicultural, mostra-se necessária uma educação que contemple essa realidade.

A temática da diversidade cultural é desafiadora e não pode ser adiada por mais tempo. Cientes da necessidade de uma abordagem para esta temática os ministros de Educação dos países ibero-americanos, ao renovarem as metas do ensino até 2021,⁷ proclamam como uma de suas prioridades: *educar na diversidade*. A questão crucial que se impõe para a escola é saber lidar com os problemas suscitados pela multiculturalidade.

⁷ O texto que estabelece as “*Metas 2021: A educação que queremos para a geração dos bicentenários*” foi elaborado para apoiar a execução do acordado na XVIII Conferência Ibero-Americana de Educação, celebrada em El Salvador, no dia 19 de maio de 2008. Trata-se de uma primeira

Uma educação com foco na planetariedade sugere que se leve em conta nossa realidade de viver num mesmo planeta e em condições de desterritorialização. Nas palavras de Sacristán (2008, p. 78), o viver juntos, num planeta globalizado requer:

- a) A abertura ao conhecimento de outras culturas e a descentralização da visão da própria cultura, compreendendo-a como um produto e um processo vivo de mestiçagem;
- b) Respeito e tolerância ativa em relação às formas de pensar e de ser dos “outros”, dos que vemos como diferentes.

A educação escolar precisa transformar-se em uma forma de organização sistêmica, transdisciplinar e complexa, capaz de garantir a produção de conhecimentos pertinentes, em que docentes e discentes aprendam a se situar e a se compreender no universo onde vivem, convivem e atuam para poderem construir uma identidade individual, da espécie e da sociedade num mundo com características planetárias. Por que isso não está sendo possível? Porque “nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar, e não a ligar os conhecimentos, e portanto nos faz conceber nossa humanidade de forma insular, fora do cosmos que nos cerca e da matéria física com que somos constituídos” (Morin; Kern, 2000, p. 48). Ora, concluem os autores, “A sociedade/comunidade planetária seria a própria realização da unidade/diversidade humana” (p. 127).

Neste cenário o currículo escolar, organizado sob a forma de diferentes disciplinas fragmentadas, dificulta a formação de um sujeito com compreensão do mundo, das manifestações culturais e de outras características próprias de um mundo planetário. A fragmentação dos processos educativos impede que o aluno adquira uma visão hologramática de si, do mundo e da pluralidade humana. Nesse modelo especializado/compartimentado de ciência e de educação, observam Morin e Kern (2000), a identidade do homem, ou seja, sua unidade/diversidade

versão, cujo objetivo é facilitar o debate que possibilite chegar a um acordo entre todos os países sobre a educação considerada ideal no momento em que a maioria dos países se prepara para comemorar o bicentenário da Independência.

complexa, permanecerá oculta e traída no cerne mesmo da era planetária. Ora, concluem os autores, esse modelo de racionalidade fechada não possibilita ao homem enfrentar o desafio dos problemas planetários. Sendo a humanidade uma entidade planetária, o principal objetivo da educação “é educar para o despertar de uma sociedade-mundo” (Morin; Ciurana; Motta, 2003, p. 63).

Isso posto, acredita-se que a escola pode promover um modelo pedagógico inter/transdisciplinar integrando suas práticas às reais necessidades de ensino numa perspectiva que englobe as questões de uma sociedade multicultural. Daí a importância de formular uma ideia sistêmica da cultura como mediação estruturante do processo pedagógico adotando estratégias que favoreçam o desenvolvimento da(s) cultura(s) em seu conjunto, com primazia do conceito de cultura sobre outros de menor importância. Uma pedagogia fundada no reconhecimento da diversidade, da transnacionalidade e, de certa forma, de uma neomodernidade una e diversa que leve a um horizonte de respeito e de aceitação das diferenças culturais.

A escola, por sua característica de obrigatoriedade, que faz com que todas as crianças a frequentem, deve ser uma instituição laica totalmente aberta à tolerância e à diversidade cultural em que credos, ideologias, raças e culturas possam conviver numa simbiose construtiva. Esta é uma tarefa fundamental da escola enquanto agência formadora e recriadora de identidade.

Um dos grandes desafios da educação escolar consiste em desenvolver e/ou despertar no humano possibilidades para a formação da sua identidade e subjetividade, permitindo uma compreensão da totalidade humana num mundo plural, tendo em vista fazer desse mundo uma Terra-Pátria de todos. Para que isso ocorra é necessário compreender o processo da constituição da história humana desde os primórdios até a atual era planetária, frisando os exemplos solidários, porém sem ocultar a opressão e a dominação que tantos males causaram à humanidade e ainda não findaram. Conhecer a identidade terrena, cósmica e planetária é indispensável ao ser humano para se compreender e compreender a humanidade à qual pertence. Entre os principais valores que a escola deve cultivar e promover

no mundo atual, portanto, certamente encontra-se o respeito à diferença, que pode ser traduzido como aceitação do pluralismo, da tolerância, da abertura à crítica, da realização do diálogo respeitoso e do debate das ideias.

Esta especificidade do sujeito humano exige, segundo Morin, ‘ensinar a condição humana’ como um dos saberes necessários à educação do futuro. Nas palavras do autor (2000a, p. 47), “Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano”.

Com essa reformulação nas formas de pensar o pensamento é possível refletir sobre a condição e a dignidade humanas, melhor compreender a unidade/diversidade de nossa cultura, forjar uma identidade humana do indivíduo, da espécie e da sociedade, bem como promover uma ciência com consciência, uma política do humano, uma ética da solidariedade e uma concidadania planetária.

Eis os grandes desafios para o processo pedagógico na era planetária: propiciar a consolidação e a valorização das múltiplas identidades que integram não só a identidade do povo brasileiro, mas de toda a humanidade que habita o planeta Terra por meio de um currículo que leve o aluno a conhecer e valorizar suas origens étnicas e a se reconhecer como cidadão de uma Terra-Pátria de todos.

Referências

- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Brasília: MEC, 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MATTELART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. São Paulo: Parábola, 2005.
- MORIN, Edgar. *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- _____. *O método V: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. *Sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000a.

_____. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. In: ALMEIDA, Maria da Conceição; CARVALHO, Edgar de Assis (Orgs.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. *Educar na era planetária*. O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília DF: Unesco, 2003.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2000.

MOURA, Glória. O direito à diferença. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada; Alfabetização e Diversidade, 2008. p. 65-78.

NEVES, Luís F. Baeta. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

SACRISTÁN, José Gimeno. O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizadas. In: GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antonio Flavio B. (Orgs.). *Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 41-80.

SIDEKUN, Antonio. Cultura e alteridade. In: TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI, Elisete M. (Orgs.). *Cultura e alteridade: conferências*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. p. 102-123.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Recebido em: 15/4/2010

Aceito em 4/6/2010